

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

VISLUMBRES
DA REVOLUÇÃO VINDOURA

Energias cósmicas ativando a fisiologia humana

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



GERMES DE FUTURO NA AMÉRICA INTERIOR

Germán Arciniegas, em “*América terra firme*”, referindo-se às potencialidades humanas do Novo Continente, diz: “Cabe às regiões do globo, a seu tempo, irem servindo de base às culturas”. Um novo cenário para representar, de outra forma, a “caminhada de Deus sobre o mundo”, da qual nos fala Rodolfo Kusch em “*América Profunda*”(1).

Porém, para onde aponta a significação desta nova morada para o homem? Qual é a Voz do novo homem da América?

Para “pensar na América”, no contexto do novo signo do tempo, já não é suficiente o discurso que procede da filosofia da história ou a mensagem das revoluções sociais e políticas, senão que é necessário **ouvir** uma palavra ainda não pronunciada: é a nota chave que os mensageiros do espírito fazem soar no diapasão da nova história.

Nem todas as vozes que se levantam em nome do progresso, do desenvolvimento, da ciência e da técnica são mensagens para o homem!

O que podem esperar as novas gerações, dos poderes anônimos que hoje governam o mundo, das forças ocultas que movem o mercado de capitais, dirigem os programas científicos para as guerras de extermínio, manipulam a informação genética, dominam os meios de comunicação de massa? E, o que podem esperar os povos em desenvolvimento das grandes potências? Acaso imitar seus modelos sociopolíticos esgotados? Suas economias de desperdício, seu imperialismo do dinheiro? Para quê? Para o desenvolvimento? Porém, qual desenvolvimento? Para que uma vez alcançado o desenvolvimento tecnológico desemboquemos na patologia social?

Na América, nasce um novo tipo de homem, capaz de gestar por dentro a revolução espiritual do futuro (“*Ukhu Ukhumantapacha America*”). Porém, como se

delineia a ‘matriz’ desta Mãe simbólica que alberga em seu seio “germes” de filhos ainda não nascidos? E, aqui vem uma primeira pergunta: Qual é a “ponte” que pode unir os diferentes povos e culturas das três Américas? E a resposta é que não existe essa “ponte”. O encontro entre a Águia e o Condor não vem pelos caminhos conhecidos de pactos políticos, relações culturais, eventos esportivos, acordos econômicos, mas por ressonância anímica, em um hiperespaço de estrutura diferente. A unidade da América não vem através do caminho da “Organização dos Estados Americanos” (OEA), do “Panamericanismo”, da “Aliança para o Progresso”, da “Iniciativa para as Américas” (por mais que todas estas coisas possam ter valor na ordem prática). A união através de uma expansão de consciência comum, de um sentir de pertinência comum, de um sacrifício comum. Trata-se de um vínculo vibratório, de uma ressonância humana profunda, que rompe todas as barreiras, inclusive a barreira entre gerações: quando se escuta (por dentro) essa palavra ainda não pronunciada, as jovens estudantes (ainda adolescentes) chegam a dizer a Margaret Mead (antropóloga já de 80 anos): “Margaret, você é uma das nossas!”. Esse “sentir” profundo parte as águas, une os que estavam separados e separa os que estavam unidos.

A revolução americana de hoje, que está sendo gestada no grande laboratório da América Profunda, começa onde terminam as revoluções sociais dos povos mais avançados do planeta. Esta revolução tem o poder de uma “gesta” libertadora. É a mística em ação, dos novos povos da Terra.

Porém, antes de entrar nos caminhos ainda não percorridos, gostaria de dizer umas poucas palavras acerca da função gen-ética das “revoluções perdidas”.

Magnífica e heroica a revolução do povo da Argélia para conquistar sua liberação social e política. Porém, o próprio Fanon, que faz a crônica do processo de descolonização, em seu livro “*Os condenados da Terra*”, adverte contra o “oportunismo e a corrupção dos recém chegados ao poder, e contra a tentação de reproduzir os mesmos modelos culturais do opressor estrangeiro”(2).

As formas revolucionárias de ontem esgotaram seu potencial evolutivo. Ao chegar ao cume de seu desenvolvimento, a energia humana em ascenso muda de signo e o sistema inteiro se desdobra sobre si mesmo, em busca de uma nova base. William Irwin Thompson, ao examinar os sinais de nosso tempo no marco da filosofia da história, se pergunta: “Como é que quando tentamos fazer o bem, terminamos a miúdo criando um mal ainda maior?”. E cita alguns exemplos: “A Declaração dos Direitos do Homem, em 1789, culminou no reino do Terror e no posterior ascenso da ditadura de Napoleão. A temporária ditadura do proletariado na Rússia culminou na ditadura do partido comunista. Os Estados Unidos lutaram em guerra revolucionária contra o Império Britânico e depois se converteram em Império, combatendo para suprimir a guerra de guerrilhas no Vietnã”⁽³⁾.

Octavio Paz, quando quer caracterizar sucintamente a contradição que os Estados Unidos geram em sua relação com a América Latina, diz: “São uma democracia e são um império”⁽⁴⁾.

Thomas Berry, em um ensaio do ano 1976, “*America: Bicentennial Reflexions*”, sublinha o fato de que, a 200 anos da Declaração da Independência (4 de julho de 1776), os Estados Unidos alcançaram “o contrário do ideal proposto no início”. E Berry completa seu pensamento: “A nação norte americana começou como uma civilização de tipo rural, e agora é um dos piores casos de excessiva industrialização. Começando com a exaltação da livre empresa, está agora sob o controle das grandes corporações. Começando com a mística do “*unspoilt continent*”, é agora um continente grandemente devastado e contaminado”⁽⁵⁾.

E o que acontece com as revoluções na América Latina?

A visão originária dos libertadores (uma mística da espada, posta a serviço de uma sociedade de homens livres, em uma América sem fronteiras), esse ideal desembocou no “Pacto de Guayaquil”. E, como resultado, na fragmentação do mapa geopolítico e no autoritarismo dos caudilhos do momento.

E o que aconteceu com a mensagem erótico/mística dos hippies, “Fazei o amor e não a guerra”? Terminou no colapso das comunidades promíscuas e no assassinato de John Lennon. Os modelos de economia alternativa que ela pôs em jogo não puderam competir com a produção industrial e com a sociedade de consumo⁽⁶⁾.

Por sua vez, a revolta estudantil dos anos 60 terminou com o triunfo do “*establishment*” e “apenas algumas reformas, para que tudo continue como antes”. E o que aconteceria, tempos depois no México, na Praça das Três Bandeiras? E na China, na praça de Tiananmen?

Por último, mais ao Sul, a guerrilha revolucionária é varrida pelo poder militar, em nome da doutrina da segurança nacional (30.000 jovens desapareceram na Argentina e no Uruguai).

Porém, nem tudo termina ali. Os sensores do sistema haviam sido postos em estado de alerta máximo, para detectar qualquer movimento que ameaçasse - já não somente a estabilidade política, mas que apontasse para despertar a consciência espiritual. As Novas Religiões (“*The New Religions*”) haviam sido assimiladas no Norte da América (as Igrejas Eletrônicas chegaram a constituir o terceiro poder econômico, segundo dados do “*The Economist*”). Porém, no Sul, não ocorreu o mesmo. Na Argentina, na década de 70, sob a suspeita de “lavagem cerebral” e de “afastar os jovens do lar de seus pais”, iniciou-se (pelo próprio Estado e por grupos religiosos fanáticos) uma feroz campanha de “caça às bruxas” e de repressão contra as chamadas “seitas”. E houve perseguições e houve prisões.

O que aconteceu com as revoluções sociais, políticas e espirituais? Foi tudo uma fantasia, uma ilusão, um sonho? Não, houve um ideal de liberação. A palavra de fogo do espírito se movia sobre as águas da América Profunda, mas não pôde encarnar em um corpo social.

Octavio Paz, em seu “Verbo Desencarnado”, radicaliza o fracasso revolucionário: “A poesia não encarnou na história”⁽⁷⁾. É realmente assim?

Talvez, o ideal revolucionário não tenha encarnado na história, mas mais abaixo da história. Pietro Ubaldi, em sua visão do “descenso dos ideais”, diz o seguinte: “Quando os ideais descem à terra são transplantados a um plano biológico, mais abaixo”⁽⁸⁾. E William Blake fala do “Matrimônio do Céu e do Inferno”. O polo oposto (e complementar) do Ideal não é a história que é escrita e contada, mas o Inferno dos que ficam à margem da história. Aqui, já não estamos no terreno da poesia, mas nas câmaras do horror (“para que o trigo nasça é necessário que a semente morra”). Nesta dimensão sub-terrânea, o ideal revolucionário fracassa, mas sua energia essencial se transmuta em “fermento”. E é precisamente esse “fermento” o que entra em jogo, como catalizador humano da revolução americana que vem. O que, por outro lado, já não é uma revolução, mas uma “gesta” (acoplamento Gen-ético entre uma mensagem espiritual que desce e uma matéria social que ascende). Con-stelação de signos, no espaço do encontro entre a Águia e o Condor.

Se for necessário, haverá que sacrificar o poder material (o poder tecnológico, o poder do dinheiro) em aras de uma civilização humana. É o desafio gen-ético da “América Profunda”. Isto não vai ser entendido, nem muito menos aceito, já nem digo pelos conservadores dos antigos regimes de usurpação e privilégio, mas por muitos dos chamados “revolucionários”. Os quais, havendo alcançado um certo nível de consciência social, cristalizam-se em um estado de relativo bem estar, cedem à tentação do poder político, à sedução dos bens de consumo, ao sentimento de importância pessoal, e morrem adormecidos, sem pena nem glória.

AMÉRICA SIMBÓLICA

Para além da geografia política da América, com suas fronteiras muitas vezes artificiais, resultados de guerras, acordos e tratados, há uma geografia simbólica que corresponde a funções da Terra e a missões dos povos. Teilhard de Chardin lança o grande desafio: “A era das nações passou, é hora de construir a Terra”. Porém, qual é o caminho para iniciar esta nova gesta?

Mais do que seguir as pegadas das revoluções sociais e políticas do passado e de sustentar-nos na crista da revolução tecnológica da terceira onda no presente - devemos poder instalar-nos na “fratura evolutiva” que se produziu na própria vida do planeta, como resultado de um desequilíbrio ecológico que ameaça a sobrevivência humana. Mais que seguir as perspectivas sociológicas de um Marx, de um Marcuse ou de um Herman Kahn e as prospecções tecnológicas de um Servant Schreiber ou de um Alvin Toffler, talvez nos convenha prestar ouvidos ao mundo evolutivo de Stephen Gould e à sua “teoria do Equilíbrio Interrompido” (*Punctuated Equilibria*). “O que rejeitamos - diz Gould - é o gradualismo. O Equilíbrio Interrompido diz que as espécies evoluem em forma abrupta, entre fraturas. É um processo marcado por uma série de catástrofes entre dois períodos de calma”⁽⁹⁾.

Hoje, a ordem do mundo colapsa, o meio cósmico já não é o mesmo, a paisagem simbólica da Terra sofreu uma inversão de significado. É o fim de uma era, os grandes impérios desmoronam, as fronteiras das nações já não existem no espaço tecnológico da “aldeia global”, mas o desafio da “Serpente Emplumada” – para o novo homem americano do século XXI - é “como equilibrar os opostos que dividem o mundo”, na nova era do Equilíbrio Interrompido.

Porém, voltemos à pergunta: “Qual é o Caminho?”. Antes de responder, escutemos a voz dos peregrinos que se adiantaram a nós: “Sabes o que é o Polo Sul? É o sexo da Terra. Uma região tenebrosa de per si, mas de importância fundamental. O

sexo é o maior mistério do universo. Transmutando sua força, alcança-se o Reino de Deus” (são palavras que Miguel Serrano recolhe de seu professor)⁽¹⁰⁾. Outra vez, e com outra linguagem, é a voz da energia cósmica que percorre os chakras da América Simbólica.

O que é que leva Rodolfo Kusch, filósofo e antropólogo, a deter-se com sua família em Maimará, um pequeno povoado a 80 km de Jujuy, no noroeste argentino, seguindo as pegadas do antigo “Caminho do Inca”? O próprio Kusch o diz: “Maimará está localizada em uma zona na qual não se viveria assim simplesmente. É como se se estivesse do outro lado, transpondo uma fronteira. Os incas tinham um império de quatro zonas. E na borda, ficava localizada a barbárie. Deter-se em Maimará é como reconhecer um lugar nos confins do império mental que levantamos para viver. Para dar este passo, foi preciso passar do habitual (onde se sentia cômodo) ao não habitual (onde se vislumbra a incomodidade e a penúria). A penúria de quê? Já que a verdadeira penúria, a de sentir-se pleno apesar da mudança, é a de continuar sendo forte, ser realmente si mesmo, mas depois de haver saltado a fronteira, essa mesma que o próprio ser havia criado” ⁽¹¹⁾. E a América tem estas fronteiras mágicas, que já não pertencem à geografia política conhecida e sim, a uma geografia simbólica e mítica que começamos a percorrer por dentro. Para além das cidades populosas, dos grandes centros do poder político e tecnológico, do “império mental que levantamos para viver”, para além do umbigo do primeiro mundo e das fronteiras do segundo mundo, há “outro mundo” que não nos animamos a olhar, nem a conhecer, nem muito menos a habitar nele. O que é a “Antártida”, a deusa adormecida sob os gelos? O que é “Malvinas”, uma zona que pertence à geografia simbólica da América, a seus centros de força e que os impérios do velho signo se empenham em reter pela força? O que é “Bolívia”, o Altiplano, outra zona potencial do planeta que começa a despertar? O CHE se adiantou demais: “Estes índios são como pedras”. Mas, olho com o poder oculto nas pedras! E o que é “Cuba”, “Nicarágua” e toda “a América Central e o Caribe”, onde junto às revoluções políticas se desencadeiam as forças telúricas? E o que é Estados

Unidos, para além do imperialismo do dinheiro, para além de Wall Street, a CIA e o Pentágono, para além do poder tecnológico, a IBM, a GM e a guerra nas estrelas? Também ali há fronteiras mágicas para passar a “outro mundo”, à “Gnose de Princeton”, à “Consciência III”, a “Arcosanti”. E o que dizer da “Amazônia”?

Esta geografia simbólica da América vem constituir o embasamento telúrico/cósmico de um tecido de relações culturais invisíveis que vão tomando formas de expressão na linguagem, no mito e no sentido da existência. Graciela Maturo, em sua *“Argentina y su opción por América”*, confere especial significação de enraizamento aos núcleos mítico-simbólicos “translinguísticos” que, precisamente por “transcenderem os moldes impostos pela língua”, têm caráter mais universal e permitem a transmissão daqueles valores culturais permanentes que as próprias estruturas linguísticas - por uso inadequado ou devido à intelectualização excessiva - podem “ocultá-los, esclerosá-los e traí-los”, convertendo-os em letra morta”. Neste caso, continua Graciela: “O espírito procura outras vias, já seja nas formas mais populares da língua, já seja em modos não linguísticos de expressão”⁽¹²⁾.

AMÉRICA PROFÉTICA

O espírito procura outras vias, nos diz Graciela!

Disto se trata agora.

Para além das sombras da Caverna, existe uma inteligência da luz. Para além do conhecimento fragmentado, existe uma síntese do saber.

E esta “Aliança” entre o Caminho do Conhecimento e o Caminho da Vida já se iniciou no espaço invisível da América Arquetípica, da América Total.

Trata-se de um “Acontecimento Fundacional”, da Revelação de ‘algo’ completamente novo.

Trata-se de algo mais que do “encontro entre a Águia e o Condor”, encontro mítico que Janis Roze pinta com vigorosos traços em seu trabalho sobre “*Beyond the Celebration of the 500 years since the Discovery of America*”⁽¹³⁾, e de algo mais que a potencialidade feminina de uma “Colúmbia” simbólica, que Rupert Sheldrake intui como Presença viva de forças cósmicas desconhecidas, que ainda não entraram em nossa consciência⁽¹⁴⁾.

Há algo novo, inédito, para além do discurso sociopolítico, científico ou religioso. Trata-se de um “Acontecimento Inicial” que é do homem e de além do homem.

Sem perceber muito bem, entramos em uma nova dimensão do espaço e nos movemos sob um novo signo do tempo.

Uma nova mensagem vibratória irrompe no mundo interior do homem, rompe a simetria da matéria e delineia uma nova geometria da vida.

Como se descobre, como se decifra o código Gen-ético da nova lei? Não se descobre nem se decifra. Ele se revela!

Da dialética dos Opostos, passamos à Reversibilidade de Valores. O homem cósmico já nasceu, só falta uma ciência que o explique!

O novo fenômeno humano foi antecipado pelos profetas, **antes** que explicado pelos doutores.

Que papel desempenha a Mãe América nesta iniciação cósmica da humanidade?

Houve um “Cerimonial de Fogo”!

A primeira explosão atômica em terra americana, 16 de julho de 1945, mais que o resultado espetacular de um experimento técnico, foi um ato litúrgico, um acontecimento simbólico, um cerimonial de iniciação: hierofantes da nova era abrem o recinto selado da matéria (alguém, talvez recordando antigas teofanias, exclama surpreso: “Mais brilhante que mil sóis”). Para além do deslumbramento físico, uma iluminação espiritual. Pela primeira vez, o homem terrestre prot-agoniza um drama cósmico!

AMÉRICA SÍNTESE

A palavra “síntese” é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo.

A nova síntese já não vem pelo caminho da ciência, mas pelo caminho do homem, porque a unidade do homem é, **antes** que a unidade da ciência.

A síntese americana do século XXI nasce de um “sentir profundo” das almas novas - que as leva a re-conhecerem-se, por ressonância energética, como irmãos e irmãs no seio de uma mesma espiritualidade cósmica.

Trata-se de um novo sentido de pertinência.

Esta onda energ-ética de um sentir unitivo, que Marylin Ferguson chama “*The Aquariam Conspiracy*” (Conspiração Aquariana), que Charles Reich reconhece como Consciência III, caracterizando a consciência nascente da juventude na década de 70 - e que eu mesmo, em “*Germes de Futuro no Homem*” (1966), na Argentina, exploro em sua dimensão espiritual. Essa corrente de fogo interior encontra no novo Novo Mundo a matéria social apta para o nascimento do homem cósmico. É o enraizamento dos valores da alma, na química da vida. É a trans-criação da mensagem espiritual em funções, ofícios e ferramentas.

Não se trata de um novo humanismo, de um novo paradigma científico ou de uma nova filosofia perene, mas de uma nova “Síntese”. A in-corporação de um ‘gen’ cósmico na matéria humana desestabilizada inicia uma reação em cadeia de liberação de energia e expansão de consciência. É o fundamento Gen-ético da revolução que vem.

É a mensagem transcendente da América para o mundo.

Já não é somente o homem que pergunta pelo cosmos - e que veio perguntando durante milênios por meio da ciência, da filosofia e das religiões, e agora através da

técnica - mas o cosmos que pergunta pelo homem, que quer viver no homem, respirar o mesmo alento do homem e falar com a palavra do homem: é a con-spiração de Aquário (“*Co-breathing*”).

Da antiga metafísica passamos à nova fisiologia, às novas funções, aos novos organismos.

Trata-se de um novo fenômeno humano em gestação - embriogênese co-evolutiva - e é precisamente no campo de forças desta con-stelação de signos onde começam a delinear-se, prefigurativamente, as organizações sociais, políticas e econômicas do futuro.

Só gostaria de deter-me em uma destas ideias arquetípicas que começam a tomar forma na alma dos criadores. Refiro-me à “Universidade de Síntese”.

Não me é fácil explicar a ideia de “Universidade de Síntese”⁽¹⁵⁾, porque Universidade de Síntese é algo que ainda não existe. não existe como instituição. O único que hoje existe em termos de “Universidade” é uma “galáxia de particularidades”, fragmentos de uma unidade perdida. Perdemos a sabedoria, só ficamos com a informação. Como diz um provérbio árabe: “existem muitas ciências, mas poucos sábios”.

O Conhecimento que possuímos atualmente circula por um caminho em linha reta - apesar da cibernética - o que quer dizer que, se bem por fora corramos velozmente em direção a estrelas distantes, por dentro desembocamos na angústia existencial e na perda de sentido. Como diz Edward Mattchet, *é mais fácil gritar “para frente” que “para onde”*.

Este “paradoxo do desenvolvimento” já não pode ser resolvido por uma síntese intelectual, já seja científica, filosófica ou teológica. Tampouco temos mais tempo para buscar resposta através do caminho das revoluções perdidas.

O homem cósmico já nasceu, e necessitamos de uma ciência que nos ajude a desvelar as chaves de seu desenvolvimento. Já não é suficiente a “teoria” acerca do novo fenômeno humano, faz falta o “testemunho”. E esta vontade de testemunho, que é, ao mesmo tempo, uma vocação de trans-figuração e trans-mutação, é a nota vibratória dos investigadores, professores e estudantes do futuro.

Universidade de Síntese é uma “rede de relações invisíveis” por onde circula uma energia cósmica até agora desconhecida ou reprimida, energia criadora que começa a in-corporar-se na fisiologia humana. O trânsito da Universidade profissionalista e técnica que conhecemos ao campo energético da Universidade de Síntese implica um salto dimensional na ordem do saber.

Universidade de Síntese não é uma Universidade alternativa, tampouco um ‘*holding*’ de Universidades. É um novo “órgão” do corpo planetário. Não estamos aqui no terreno da filosofia do conhecimento, mas no campo de forças de uma ultrafisiologia da vida, e digo precisamente “ultrafisiologia” porque se trata de funções de ressonância que operam como ‘trans-sistores’ entre a consciência cósmica e a matéria humana.

E aqui vêm algumas perguntas.

Como se começa a funcionar neste campo de expansão de consciência e de reversibilidade de valores onde a luz e o som se encontram?

E como se passa da visão de Síntese, ao mundo fragmentado da ciência e da técnica?

Algo novo entrou no mundo, que se pronuncia com diferentes palavras, que aparece com diferentes vestes e que se revela em múltiplas dimensões do conhecimento e da vida. Quando falamos de Universidade de Síntese, o que pretendemos é captar a universalidade das leis que configuram a mensagem e descobrir a unidade de seu código Gen-ético.

Falar de Gen-ética evolutiva da mensagem quer dizer preparar as condições para o desenvolvimento e o esboço das “funções”, “ofícios” e “ferramentas” para a civilização que vem. E essas condições não se referem somente à matéria do conhecimento, mas à própria “matéria” do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Kusch, Rodolfo, “*América Profunda*”, Ed. Bonum, buenos Aires, 1986

Fanon, Frantz, “*Los condenados de la tierra*”, Fondo de Cultura Económica, México 1963

Thompson, William Irwin, “*Evil and World Order*”, Harper & Row Pub, New York, USA 1976

Paz, Octavio, “*Democracia e imperio*”, Diario “La Nación”, Buenos Aires 30/8/87

Berry Thomas; em Valerio Ortolani, “*Personalidad Ecológica*”, México, 2ª Edição, 1986

Fairfield, Dick, “*Communes USA*”, Penguin Books, 1972

Paz, Octavio, “*El Arco y la Lira*”, Fondo de Cultura Económica, México 1973

Ubaldi, Pietro, “*A Descida dos Ideais*”, Monismo Limitado, San Vicente, Brasil, 1967

Gould, Stephen, “*Punctuated Equilibria*”

Serrano, Miguel, “*Ni por mar ni por tierra*”, Ed. Nascimento, Santiago de Chile, 1974

Kusch, Rodolfo, “*América Profunda*”, op.cit.

Maturo, Graciela, “*Argentina e la opción por América*”, Ed. Castañeda, Buenos Aires, 1983

Roze, Janis, “*Beyond the Celebration of the 500 years since the Discovery of America*”, ICIS FORUM, 21:1, Jan. 1991, New York, USA

Sheldrake, Rupert, “*Who is Columbia*”, ICIS FORUM 18:3, Dec. 1988, New York, USA

Ramón P. Muñoz Soler, “*Universidad de Síntesis*”, Ed. Depalma, 1984, Buenos Aires